



O papel da comercialização justa no fortalecimento da agroecologia: o caso do Instituto Chão

The role of fair trade in the fortification of agroecology: the case of Instituto Chão

INATI, Maria Fernanda¹; AMORIM, Marcela ²; FERNANDES, Carolina Lis ³; TASSI, Maria Elisa⁴; DIAS, Sophia⁵

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fernandabinati@outlook.com,

²marcelaaraujodeamorim18@gmail.com; ³carolinalisfernandes@gmail.com

⁴nectardocampo@gmail.com; ⁵cerejasual@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O presente trabalho visa discorrer sobre a experiência de autogestão e as bases de economia solidária do Instituto Chão, que busca relações econômicas justas e a não exploração do trabalhador. O Instituto está na ponta dos sistemas agroalimentares, uma vez que é um importante ponto de compra e venda de produtos agroecológicos, e propõe uma lógica de contracorrente do mercado convencional. Assim, será descrita a estrutura do Instituto e seus preceitos, e, escolhida uma categoria de produto vendida - o café - para realizar uma análise da pluralidade de regiões brasileiras que compõem a cadeia produtiva dos cafés comercializados no Instituto.

Palavras-Chave: agroecologia; sistemas agroalimentares; autogestão; economia solidária

Contexto

Compreendendo a importância de se dar destaque a projetos de Sistemas Agroalimentares e de Economia Solidária, buscou-se com o presente relato de experiência, apresentar o projeto do Instituto Chão. Escrever sobre o Instituto Chão é, não só discorrer sobre uma experiência concreta de bases de economia solidária, como também entender que dentro desse projeto, preceitos como agroecologia, acesso popular à alimentação orgânica, autogestão e cooperativismo, estão sempre presentes.

É uma associação de trabalhadores sem fins lucrativos, que se movimenta para o aprofundamento da consciência crítica, da democracia e da igualdade de direitos, a fim de construir coletivamente uma sociedade justa e solidária. (INSTITUTO CHÃO, [s.d])

O Instituto Chão é uma associação sem fins lucrativos que trabalha de forma cooperada para a compra e venda de produtos majoritariamente orgânicos, e de bases sustentáveis. Com diversos objetivos e preceitos políticos, o projeto visa o fortalecimento de todos os componentes da cadeia produtiva, valorizando economicamente os produtores que vendem seus produtos ao Instituto, os



trabalhadores do projeto, e, almejando um preço mais acessível dos alimentos orgânicos para o consumidor final. O Instituto, torna-se então, um movimento de contracorrente à elitização dos alimentos orgânicos e à lógica de exploração dos trabalhadores.

No que diz respeito à autogestão, o Instituto Chão desenvolvendo modelos para que as decisões sejam tomadas coletivamente, incluindo a opinião dos produtores sempre que possível, de forma que há assembleias semanais com todos os integrantes do Instituto. Faz-se necessário entender que a autogestão discorre sobre a administração coletiva, e um processo democrático de gestão. Em um trabalho de pesquisa da ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária) discorre-se sobre autogestão:

Acreditamos que quando se defende a autogestão deve-se garantir o direito à informação e democracia nas decisões. Democracia não apenas como voto ou mera representação, mas principalmente, como partilha de poder e controle da vida do empreendimento coletivo. Por conta disso, educar para autogestão significa promover autonomia e a inteligência coletiva dos trabalhadores. (PINTO, 2004, p. 14)

O Instituto Chão fica localizado no Bairro da Vila Madalena, região Oeste da cidade de São Paulo, muito popular por seus bares e atividades culturais. O Instituto é hoje formado por 30 pessoas, advindas de diferentes contextos. O trabalho é distribuído de forma não hierarquizada, havendo rotatividade de funções, de forma que todos os colaboradores conhecem os processos que ocorrem em todo o Instituto, para que não haja monopolização do conhecimento. Destaca-se também que as aptidões e preferências de cada um são levadas em conta na divisão de tarefas e a remuneração dos trabalhadores é distribuída igualmente entre as 30 pessoas.

Além do estudo da sua estrutura administrativa interna, o Chão é um espaço de compra e venda, que tem produtos variados, desde hortifruti até produtos de mercearia, e é financiado exclusivamente pelos seus frequentadores. Todos os produtos são vendidos a preço de nota fiscal, acrescido de uma porcentagem referente às perdas, contudo, os custos do espaço não estão inseridos nesse valor, assim, os custos são abertos aos frequentadores, e calcula-se uma contribuição a partir do valor total de produtos vendidos e necessidade de arrecadação para manter todas as partes do instituto. A contribuição sugerida, ao final das compras, é de 25% do valor, e/ou como sugestão ideal, 30%. O objetivo é promover a valorização dos produtores, de maneira que todos os atores por trás da cadeia de alimentos e outros produtos comercializados no mercado, sejam pagos de maneira justa. Nesse sentido, um levantamento realizado pelo Instituto Ipê (BAUER. et. al. 2002. p. 14), compara os preços do Instituto Chão com preços de diferentes lugares de comercialização de alimentos, a partir da simulação de compra para 20 produtos, e, vê-se que, na categoria dos mercados convencionais, os preços do Instituto são em média 12% mais baratos, enquanto os orgânicos, 47% mais baratos. Entretanto, analisando individualmente, alguns produtos do Chão podem ser mais caros do que os produtos do mercado convencional, mas, pela pesquisa, quase sempre mais baratos do que os preços dos produtos orgânicos, no mercado convencional.



Dessa forma, o Instituto possibilita um maior acesso aos produtos orgânicos pela população, uma vez que esses produtos são extremamente elitizados e encarecidos nos mercados tradicionais. O acesso à alimentos de produção orgânica são necessários, uma vez que, a alimentação que está hoje na mesa dos brasileiros, é cheia de agrotóxicos, associados a diversos danos à saúde dos indivíduos - tal qual intoxicação aguda daqueles que lidam com os produtos químicos na produção e efeitos crônicos, só percebidos após exposições repetidas, e, danos ao meio ambiente.

Isso posto, explicita-se a importância da distribuição de alimentos orgânicos, e a necessidade de eles serem acessíveis à toda a população, visto que é “[...] uma prática agrícola que se preocupa com a sustentabilidade ecológica e gera produtos saudáveis, sem contaminantes químicos” (TORRES, 2023). O Instituto Chão não é um mercado somente de orgânicos, mas de produtos agroecológicos.

Nesse íterim, há um debate dentro da agroecologia sobre a diferença entre produtos orgânicos e agroecológicos, no presente trabalho, entende-se que essa diferença está no campo da política. Como Agroecologia, entende-se que, para além de campo da ciência e metodologia de formas de agricultura mais sustentáveis (ALTIERI, 2004), o conceito define-se como

[...] a Agroecologia implica em organização de classe, consciência e luta política dos povos do campo, das águas e florestas em unidade com a classe trabalhadora. E em contradição, conflito e combate ao capital-agronegócio. Não há como humanizar e ecologizar o capital. (TARDIN, 2020, p. 15)

Os produtos orgânicos, por mais que livres de processos químicos, podem participar da lógica do capital e do lucro, contudo, a Agroecologia é um campo da política, e vai de contramão à produção de alimentos capitalista, e é aí que ela se encontra com a Economia Solidária. Segundo Paul Singer (2012), a Economia Solidária é baseada em 4 princípios, sendo eles a autogestão, cooperação, solidariedade e finalidade social. Ela atua como uma proposta de transformação social e resistência ao modelo capitalista, assim, contribuindo para uma sociedade mais justa e solidária. Assim, quando a Agroecologia se depara com a economia solidária, dá-se o movimento vivido pelo Chão, que repensa politicamente os sistemas agroalimentares e comercializa alimentos fora da cadeia comercial tradicional.

Descrição da Experiência

Como metodologia deste trabalho, realizou-se um relato com abordagem multidisciplinar e participativa utilizando diferentes técnicas de coleta de dados e revisão bibliográfica, através da consulta de livros sobre e outros trabalhos publicados sobre o Chão. Observação participante, através de visitas ao estabelecimento, junto da disciplina de Agroecologia do curso de Ciências Socioambientais, e da análise diária de duas estagiárias do Chão que fazem parte da autoria do presente trabalho. Ocorreram também entrevistas não estruturadas com trabalhadores do Chão, e a participação na feira Natural Tech/ Bio Brazil Fair,



onde se teve contato com produtores de todo o Brasil, que fornecem alimentos para o Instituto Chão.

Assim, realizou-se uma amostragem da cadeia produtiva dos cafés agroecológicos/orgânicos que são comercializados no Instituto Chão. O café é uma bebida amplamente consumida em todo o mundo, e o café brasileiro é reconhecido pela sua qualidade e variedade, sendo produzido e consumido por todo o país de maneiras distintas e únicas. Contudo, é possível identificar uma lacuna a respeito do acesso a diferentes tipos de cafés, produzidos em diferentes regiões, principalmente pela dificuldade de comercialização. Assim, quando o Instituto Chão compra de pequenos agricultores, ele consequentemente auxilia na mitigação de alguns desafios encontrados na agricultura familiar, como a certificação, e comercialização, que são lacunas existentes na rotina de pequenos produtores de vários estados do Brasil, pois a ausência de assistência técnica e apoios financeiros se fazem presentes na vida dos agricultores. Segundo Pádua Gomes (2016, p. 135) “Ainda que existam alguns mecanismos de avaliação que conferem a conformidade orgânica à produção, o índice de propriedades certificadas no Brasil ainda é baixo”.

O café orgânico é um dos produtos comercializados no Instituto Chão, e, para uma análise dos diferentes cafés do Instituto, realizou-se um levantamento das marcas de café que se encontravam à venda na prateleira do instituto no dia 15/06/23 - importante frisar que o Chão comercializa cafés de outros fornecedores, que não fizeram parte do levantamento, destinado somente aos produtos na prateleira. Com a análise dos dados, constatou-se que a produção dos cafés vem de cinco estados no Brasil: Amazonas, Bahia, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. Dentro desses cinco estados, foram levantadas 14 marcas de cafés.

Figura 1: Mapa contendo abrangência geográfica dos cafés



Fonte: Mapa Autoral

De acordo com a Figura 1, a compra de cafés provenientes da agricultura familiar, de cooperativas de agricultores rurais e de outras formas de produção concentra-se principalmente nos estados de Minas Gerais e no interior de São



Paulo. A compra de cafés pelo Instituto, é um incentivo para que os produtores continuem a cultivar café orgânico, de forma que o próprio Instituto Chão torna-se um incentivador da biodiversidade e da produção sustentável. A pequena agricultura, ou a agricultura familiar não causa muitos impactos ao solo, pelo contrário, mantêm altos níveis de biodiversidade, reciclam nutrientes e utilizam os recursos naturais existentes. Os sistemas de produção de subsistência, adotados pelas populações tradicionais, expressam de forma mais eficiente a complexidade na gestão dos recursos disponíveis e administração da força de trabalho no campo, seja de agricultura familiar ou coletivos (NODA, 2003, p. 61).

Um dado interessante também obtido nesse levantamento é que nem todos os cafés analisados possuem em seus rótulos, todas as informações quanto a origem exata da produção/beneficiamento dele. Dos 14 cafés, 9 possuem selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade, sendo 3 pelo Sistema Participativo de Garantia, e 5 pela certificação por auditoria. Quatro cafés não possuem nenhum selo referente à certificação; 3 cafés possuem o selo da Agricultura Familiar, sendo um deles certificado com o protocolo Rainforest Alliance; um com selo do MST e dois deles, cafés Agroflorestais.

Para explicitar a diversidade de formas de produção dos cafés do Instituto Chão, discorre-se sobre a história do café de dois fornecedores: Guaií e Coopfam. O Guaií é advindo da Cooperativa Camponesa, composta pelas famílias de onze acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e três assentamentos. Localizados no sul de Minas Gerais, nesta composição está a terra do Quilombo Campo do Meio, que, além do café, cultiva diferentes alimentos orgânicos. Segundo o site do MST, cerca de 500 famílias são produtoras do café Guaií. Cada família cultiva 20 hectares de terra, diversificando suas plantações com outras espécies e técnicas de manejo como a adubação verde. Dessa forma, o café Guaií, além de pensar a produção de forma integrada com a natureza, tem sua história traçada na luta pela reforma agrária.

Já o café da COOPFAM (Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região), foi criado por um grupo de pequenos agricultores, que, vendo os desafios da comercialização, formaram uma cooperativa para a produção cafeeira. Hoje, o café é produzido por 400 famílias de agricultores, que cultivam o café de forma orgânica. Assim, comprar dessa história é também “[...] valorizar a produção local e agricultura familiar, contribuindo para a geração de emprego e renda no campo e para a preservação da cultura cafeeira brasileira.” (COOPFAM, 2023).

Resultados

O Instituto Chão e sua dinâmica de trabalho favorecem a distribuição de produtos únicos e diferenciados de diversas regiões do Brasil, para o maior mercado brasileiro que é São Paulo, de forma a fortalecer a agricultura familiar e agroecológica. Tendo analisado a diversidade de regiões e de formas de produção dos cafés comercializados no Instituto, entende-se que os produtos que passam pelas prateleiras desse mercado são frutos de muitas histórias, que, neste caso, ganham proximidade com o consumidor final.

Além disso, a estrutura autogestionária do Instituto, seguindo as bases da Economia Solidária e do Cooperativismo, propõe uma nova forma de trabalhar e



comercializar, realizando um movimento de contracorrente às estruturas de trabalho tradicionais. A proposta de dar maior acesso aos alimentos orgânicos do Instituto, é também democratizar o acesso à alimentação saudável. Dessa forma, o Instituto Chão mostra-se uma experiência muito relevante para a discussão de Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária, uma vez que ele é a ponta da cadeia que começa na Agroecologia, e, termina da comercialização justa e não exploratória, tendo servido de exemplo para diversas outras iniciativas similares pelo Brasil.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Chão pela colaboração e receptividade para a realização do artigo.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2004

BAUER, Ana Carolina. et. al. Novas formas de negócios Instituto Chão. Instituto Ipê. Nazaré Paulista: 2022.

COOPFAM, produzido pelas mãos de centenas de famílias que tiram da terra o seu sustento. Coopfam, Site Oficial Coopfam, p. 4, 15 maio de 2018. Disponível em: <https://coopfam.com.br/cafe-familiar-da-terra/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FATO Brasil, quem cobiça o café Guaií, do MST?, Brasil de Fato, p. 4, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/21/quem-cobica-o-cafe-guaii-do-mst>. Acesso em: 25 jun. 2023. Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, 2020.

INSTITUTO CHÃO. Disponível em: <https://www.institutochao.org/>. Acesso em: 23 jun. 23.

NODA, Hiroshi; DO NASCIMENTO NODA, Sandra. Agricultura familiar tradicional e conservação da sócio-biodiversidade amazônica. Interações (Campo Grande), 2003.

PADUA-GOMES, Juliana Benites; GOMES, Eder Pereira; PADOVAN, Milton Parron. Desafios da comercialização de produtos orgânicos oriundos da agricultura familiar no estado de Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 12, n. 1, 2016.

PINTO, João Roberto Lopes, Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária. Autogestão em Avaliação: IBASE/ANTEAG. São Paulo: ANTEAG, 2004. Página 14.

TARDIN, José Maria. Cartilha cartografia agrotóxicos e agroecologia. Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida: 2020. Página 15.

TORRES, Raquel. Você sabe qual é a diferença entre agricultura orgânica e agroecologia? Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2023/06/voce-sabe-qual-e-a-diferenca-entre-agricultura-organica-e-agroecologia/>. Acesso em: jul. 30DC.